



FOLHA DOMINICAL

Domingo VI da Páscoa

Primeira Leitura (Atos 15, 1-2.22-29)

Naqueles dias, alguns homens que desceram da Judeia ensinavam aos irmãos de Antioquia: «Se não receberdes a circuncisão, segundo a Lei de Moisés, não podereis salvar-vos». Isto provocou muita agitação e uma discussão intensa que Paulo e Barnabé tiveram com eles. Então decidiram que Paulo e Barnabé e mais alguns discípulos subissem a Jerusalém, para tratarem dessa questão com os Apóstolos e os anciãos. Os Apóstolos e os anciãos, de acordo com toda a Igreja, decidiram escolher alguns irmãos e mandá-los a Antioquia com Barnabé e Paulo. Eram Judas, a quem chamavam Barsabás, e Silas, homens de autoridade entre os irmãos. Mandaram por eles esta carta: «Os Apóstolos e os anciãos, irmãos vossos, saúdam os irmãos de origem pagã residentes em Antioquia, na Síria e na Cilícia. Tendo sabido que, sem nossa autorização, alguns dos nossos vos foram inquietar, perturbando as vossas almas com as suas palavras, resolvemos, de comum acordo, escolher delegados para vo-los enviarmos, juntamente com os nossos queridos Barnabé e Paulo, homens que expuseram a sua vida pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso vos mandamos Judas e Silas, que vos transmitirão de viva voz as nossas decisões. O Espírito Santo e nós decidimos não vos impor mais nenhuma obrigação, além destas que são indispensáveis: abster-vos da carne imolada aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das relações imorais. Procedereis bem, evitando tudo isso. Adeus».

O texto relata a controvérsia em Antioquia, onde alguns judeus vindos da Judeia exigiam a circuncisão dos crentes gentios. Para os judeus, este rito era sinal de pertença ao Povo de Deus, mas o verdadeiro problema era de salvação. Após uma discussão acesa, decide-se enviar uma delegação a Jerusalém. Os apóstolos e presbíteros, com autoridade, escrevem uma carta dirigida aos crentes não judeus, esclarecendo que os causadores da crise não tinham sido enviados por eles. Apoiando a missão de Paulo e Barnabé, o decreto apresenta quatro proibições, inspiradas pelo Espírito, que visam facilitar a convivência entre cristãos de diferentes origens. São exigências mínimas, rejeitando posições radicais e promovendo a unidade na diversidade da Igreja primitiva.

Segunda Leitura (Ap 21, 10-14.22-23)

Um Anjo transportou-me em espírito ao cimo de uma alta montanha e mostrou-me a cidade santa de Jerusalém, que descia do Céu, da presença de Deus, resplandecente da glória de Deus. O seu esplendor era como o de uma pedra preciosíssima, como

uma pedra de jaspe cristalino. Tinha uma grande e alta muralha, com doze portas e, junto delas, doze Anjos; tinha também nomes gravados, os nomes das doze tribos dos filhos de Israel: três portas a nascente, três portas ao norte, três portas ao sul e três portas a poente. A muralha da cidade tinha na base doze reforços salientes e neles doze nomes: os dos doze Apóstolos do Cordeiro. Na cidade não vi nenhum templo, porque o seu templo é o Senhor Deus onipotente e o Cordeiro. A cidade não precisa da luz do sol nem da lua, porque a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro.

João é conduzido por um anjo a um monte elevado, onde lhe é mostrada a nova Jerusalém, símbolo da salvação universal. Resplandecente com pedras preciosas e sem impurezas, a cidade é bela porque é morada de Deus. Contrasta com Babilónia/Roma, sua antítese, denunciando o poder imperial destruidor face à glória do Reino de Deus. A visão encoraja os fiéis a resistirem à opressão. A cidade cumpre as promessas feitas aos que venceram a grande tribulação. A muralha, com doze pedras fundadas nos apóstolos, representa o Israel escatológico. Não há templo, pois o próprio Deus e o Cordeiro são o seu centro. A cidade, iluminada pela glória divina, atrairá todos os povos, tornando-se farol para a humanidade.

Evangelho (Jo 14, 23-29)

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: «Quem Me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará; Nós viremos a ele e faremos nele a nossa morada. Quem Me não ama não guarda a minha palavra. Ora a palavra que ouvis não é minha, mas do Pai que Me enviou. Disse-vos estas coisas, estando ainda convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que Eu vos disse. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Ouvistes que Eu vos disse: Vou partir, mas voltarei para junto de vós. Se Me amásseis, ficaríeis contentes por Eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu. Disse-vo-lo agora, antes de acontecer, para que, quando acontecer, acrediteis».

Estas palavras de Jesus constituem a resposta à pergunta que lhe foi dirigida por Judas, não o Iscariotes, na Última Ceia: «Senhor, porque te hás de manifestar a nós e não ao mundo?». Na sua resposta, Jesus revela a superficialidade desta objeção. A experiência pascal não é um acontecimento entre outros, algo objetivável que responda a critérios de verificação histórica. Só é acessível no amor, em quem estabelece uma relação pessoal de fé e intimidade com Cristo. Quem se fecha às suas palavras, não pode ter acesso a Ele. Mas Jesus, ao contrário de Judas, não opõe os discípulos ao mundo. O contraste estabelece-se entre «aquele que ama as suas palavras» e «aquele que não as ama». A diferença depende da decisão de cada ser humano. A afirmação sobre o Paráclito aponta para um tempo novo. Ele será o seu representante entre eles. A sua função é dupla: fazer memória da revelação e interpretá-la em novos contextos. A paz escatológica apresenta-se também como fruto da

partida de Jesus. Distingue-se do que o mundo pode oferecer porque não está sujeita a jogos de poder. Fundamenta-se em Deus e o mundo não a pode aniquilar. Por isso, o crente não deve perturbar-se nem acobardar-se. O final da passagem assinala o desfasamento que persiste entre o que Jesus oferece e o que os seus discípulos vivem. Só a adesão a Cristo é o caminho de acesso à alegria; uma alegria que tem o seu fundamento na cruz.

Deus nas letras humanas

Eis-me

Tendo-me despido de todos os meus mantos
Tendo-me separado de adivinhos mágicos e deuses
Para ficar sozinha ante o silêncio
Ante o silêncio e o esplendor da tua face

Mas tu és de todos os ausentes o ausente
Nem o teu ombro me apoia nem a tua mão me toca
O meu coração desce as escadas do tempo
[em que não moras

E o teu encontro
São planícies e planícies de silêncio

Escura é a noite
Escura e transparente
Mas o teu rosto está para além do tempo opaco
E eu não habito os jardins do teu silêncio
Porque tu és de todos os ausentes o ausente

Sophia de Mello Breyner Andresen

Avisos Paroquiais | 25 de maio a 1 de junho

25 | VI domingo de Páscoa

Dia Paroquial do Idoso e do Doente | Celebração da Eucaristia | 16:00

26 | Outras leituras: Recoleção com o Evangelho e uma abordagem à filosofia pré-socrática | 21:30

28 | Formação sobre espiritualidade Cristã | 21:30

Encontro com o grupo de leitores | 21:30

30 | Reunião dos MEC | 21:30

31 | Recolha de papel | Casa Fiz do Mundo | 10:00 - 12:00

| Procissão de velas | 21:30

01 | Ascensão

| Festa da profissão de fé | 11:00

| Festa da Primeira Comunhão | 16:00

07 de Junho | Concerto pela Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública - PSP | Centro Multimeios | 21:30 (bilhetes à venda na secretaria do Centro Pastoral)